

Futurologia - Doença Infantil da Biblioteconomia

Antonio Caetano Dias

Diretor da Escola de Biblioteconomia e Documentação da FEFIEG

SINOPSE

Política de formação profissional do bibliotecário brasileiro tendo em vista a corrente existente em prol da inclusão, nos currículos mínimos das Escolas, das disciplinas especializadas que formam os novos processos da Ciência da Informação. Considerações em torno da Ciência da Informação que somente deverá ser ministrada em cursos de especialização, pós-graduação ou mestrado, ressaltando artigos de Jesse H. Shera, John Martyn e especialmente de Alan M. Rees.

O I Encontro de Responsáveis por Bibliotecas, realizado recentemente em Brasília, sob o patrocínio do Instituto Nacional do Livro e com o apoio das Escolas de Biblioteconomia, Associações Profissionais e dos Conselhos Federal e Regionais, serviu para que toda uma classe reencontrasse o caminho do bom senso. Os resultados, baseados em estatísticas atualizadas, demonstraram que a carência de bibliotecários habilitados desafia com a política do MEC em difundir a leitura em todo o território nacional. Informando haver apenas 9,13% de pessoal apto para atender às necessidades das bibliotecas brasileiras, a escritora e bibliotecária Maria Alice Barroso, diretora do Instituto Nacional do Livro, lembra ainda que a quase totalidade desse pessoal se encontra nos grandes centros urbanos. Ficou assim, desde logo, entendido que a política de formação profissional do bibliotecário brasileiro deva ter como objetivo principal uma tomada de consciência do processo educativo-cultural ora em desenvolvimento no país.

Os resultados do último Congresso de Belo Horizonte, em cotejo com a situação atual, estudada no Encontro de Brasília, demonstram que existem duas posições bem nítidas e definidas que não chegam a ser antagônicas. A primeira é observada a partir do Congresso de Belo Horizonte e amplamente documentada nos primeiros números das Revistas editadas em Minas Gerais, Guanabara e Brasília (1, 2, 3), onde aparecem artigos debatendo o critério de incluir, nos currículos mínimos das Escolas, as disciplinas especializadas que for-

mam os novos processos da Ciência da Informação, com o sentido de preparar o futuro bibliotecário para os novos processos de automação e da utilização do computador nos serviços de informação. A segunda posição ficou definida no Encontro de Brasília, em abril passado, quando se revelou a intenção do Governo em sistematizar os serviços de bibliotecas, procurando articular-se com os organismos competentes e responsáveis pela formação profissional, as Escolas, os Conselhos e entidades da classe, que são as Associações e a FEBAB. Tal articulação só poderia ser bem sucedida se fundamentada na realidade nacional. Os maiores méritos dessa reunião estão, assim, explicados pelos seus próprios resultados, o que certamente impedirá que se repita, em Belém do Pará, as mesmas distorções observadas no Congresso de Belo Horizonte.

Os argumentos daqueles que defendem a inclusão das disciplinas que tratam da Ciência da Informação, no currículo mínimo das Escolas de Biblioteconomia e Documentação, se baseiam no surgimento de um novo mercado de trabalho, altamente seletivo e sofisticado, vinculado ao uso dos computadores nos processos da recuperação da informação, bem como a automação de certos serviços bibliográficos, como a elaboração de listagens bibliográficas e catalogação. Sob a alegação de que tal medida viria, naturalmente, valorizar o profissional em termos de salário, seus partidários não se lembram que, num país em processo de desenvolvimento, as necessidades prioritárias no setor da educação e da cultura estabelecem uma hierarquia de gastos orçamentários que não pode ser comparada aos países superdesenvolvidos.

Lembrando Marshall McLuhan (4) quando afirma que "na educação, a divisão convencional do currículo em matéria já está tão superada quanto o *trivium* e o *quadrivium* medievais na época do Renascimento e que qualquer matéria examinada em profundidade, logo se relaciona a outras matérias", faz-nos supor que as discussões em torno de matérias como *Automação e mecanização dos Serviços de Biblioteca, Computação Eletrônica nos*

Serviços de Recuperação da Informação ou *Automação na Catalogação*, inseridas nos currículos das Escolas em nível de *graduação*, não teriam sentido, nem mesmo trariam ao diplomado uma formação de Cientista da Informação. Isto porque, vitoriosa a tese, também teriam que ser incluídas no currículo a *Lógica* e a *Matemática Aplicada*. A confusão em torno do problema está precisamente no esquecimento dos verdadeiros objetivos dos cursos em nível de *graduação*. Já em 1967, em nosso *Informe* ao Congresso de São Paulo (5), chamávamos a atenção para as definições do professor Newton Sucupira ao conceituar os Cursos de *Pós-Graduação* e ainda para uma advertência no sentido de que nenhuma Escola poderia se habilitar a ministrar esses cursos sem, antes, alicerçar adequadamente os fundamentos da *graduação*. As professoras Célia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes, em primorosa síntese, no artigo de abertura da Revista especializada do IBBD (6), situam corretamente o problema da Ciência da Informação, analisando a sua evolução, e ainda, esclarecendo o conceito da expressão *Informática*. Ao decidir apoiar um Curso de *Pós-Graduação*, em regime de Mestrado, o Conselho Nacional de Pesquisas, em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, autorizou ao IBBD contratar professores estrangeiros, de grande projeção, que vieram ao Brasil para ministrar ensinamentos especializados a profissionais previamente selecionados. Com essa iniciativa fica reconhecido que, fora de especialização ou da *Pós-Graduação*, não poderá existir o Cientista da Informação. A simples alteração de uma nomenclatura convencional não modifica em nada o que já vem sendo feito nas Escolas brasileiras. Dentro das disciplinas *Documentação*, *Classificação Especializada*, *Bibliografia Geral*, *Organização e Administração de Bibliotecas*, *Catalogação e Classificação* e *Bibliografia Especializada*, a abordagem e a introdução resumida dos métodos e processos modernos de automação e utilização do computador já vem sendo há muito tempo ministrada como rotina normal de programa. Os professores Manoel Adolpho Wanderley, Afonso Celso Mendonça de Paula, Ibani da Cunha Ribeiro, Célia Ribeiro Zaher, Yone Chastinet, Laura Maia de Figueiredo, Gilda Maria Braga, Alice Príncipe Barbosa, Magda Chaves Lopes, Elza Lima e Silva Maia, Zilda Galhardo de Araujo, Reinaldo Corrêa Bispo, Ozéa Botelho Fernandes, Nolka Nascimento de Freitas, Alice Carvalho e Déa Coutinho Amadeo nunca deixaram de cumprir os seus programas sem mencionar os processos modernos da mecanização ou da computação eletrônica, em cada disciplina. Essas referências à Escola de Biblioteconomia e Documentação da FEFIEG (antigos Cursos de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional), em respeito à sua tradição e pioneirismo, somente se justificam em vista da total omissão às suas atividades, no artigo publicado pela *Revista*

de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (7).

Um mercado de trabalho sofisticado e especializado só poderá absorver pessoal adequadamente qualificado, que formará uma elite profissional. Portanto, como primeira conclusão, em vez de suposta valorização profissional, a grande maioria dos bacharéis em biblioteconomia formados pelas Escolas reconhecidas, que desejam se colocar numa falsa posição de vanguarda, serão fatalmente absorvidos pelo mercado de trabalho tradicional: as bibliotecas públicas, escolares, universitárias e infantis, tão carentes de pessoal habilitado, fora dos grandes centros, conforme as conclusões do Encontro de Brasília. Ademais, o simples registro das disciplinas, com as nomenclaturas propostas, nos históricos escolares, esses profissionais jamais teriam condições para exercer funções altamente especializadas. Finalmente, aquilo que se pretende aplicar no Brasil, conhecimentos raramente práticos e quase sempre teorizantes, é ainda problema discutido nos Estados Unidos. O artigo de Mason (8), critica violentamente o emprego da automação numa biblioteca universitária, alegando que se tivessem sido utilizados os recursos gastos com a sua implantação em melhoria e atualização do acervo, os resultados seriam muito mais favoráveis para os usuários. Ainda para causar impacto, o autor do artigo compara o absurdo da automação, no caso específico que analisa, ao ridículo que seria se fretar um *Boeing 707* para transportar um bom-bom de um extremo a outro de uma mesma cidade. Traduzido pelo professor Antonio Briquet de Lemos e comentado pelo Prof. Padre Astério de Campos, além dos registros publicados nos boletins das Associações Profissionais de Bibliotecários do Distrito Federal e do Estado da Guanabara, *ABB e Você...* e *Notícias da ABB*, o referido artigo não mereceu maiores atenções, mas continua a ser debatido e comentado nas principais revistas especializadas norte-americanas.

Ao se aproximar a realização de mais um Congresso, em Belém do Pará, será justo esperar que o equilíbrio e o bom senso voltem a inspirar as discussões que certamente se travarão no cumprimento do temário. Devemos acreditar que o grau de responsabilidade dos colegas Clara Galvão e Abner Vicentini, com tantos serviços prestados ao Brasil, não deixe que se acelere um processo de frustração entre aquela grande maioria que jamais poderá chegar aos níveis de especialização, somente reservados para uma elite profissional.

Se, nos países adiantados, ocorre uma tendência para a organização de Serviços de Informação, subvencionados por um conglomerado de usuários, pode-se concluir que, cada vez mais, o mercado de trabalho será seletivo. As empresas de Petróleo, por exemplo, nos Estados Unidos, mantém Serviços Centralizados de Informações, ao invés de cada uma delas custear seus próprios serviços. A Petro-

brás é uma das empresas mantenedoras, tendo em vista o elevado custo operacional e a duplicidade de esforços, que pressupõem, ainda, um sistema integrado por técnicos e cientistas altamente especializados. Enganam-se, assim, todos aqueles que pensam que os problemas semânticos das nomenclaturas de matérias ensinadas nos currículos de graduação, possam, como num passe de mágica, resolver os problemas particulares dos super-profissionais da informação.

Quanto aos mais sectários, lembramos que a Futurologia sempre exerceu e continuará exercendo um poderoso fascínio, não só entre bibliotecários mas, também, em qualquer outra atividade humana. Vejamos, para ilustrar com um só exemplo, o que diz Hermann Khan (9) sobre as bibliotecas no ano 2.000:

"Os lêiseres também terão importantes aplicações no campo de armazenamento de dados. A IBM já desenvolveu um sistema de armazenamento mnemônico, usando um raio lêiser de oito côres para armazenar até cem milhões de itens de informação, numa polegada quadrada (6,45 cm²), de filme fotográfico. Ainda mais impressionante é o "Dispositivo de Dados", apresentado por John F. Dove, cientista da Força Aérea, na base de Griffis, Rome, Nova York. Declara ele que, através de um raio lêiser, para reduzir o tamanho dos sinais dos dados apresentados, toda uma biblioteca de 20.000 volumes pode ser armazenada numa chapa de níquel de 8 por 10 polegadas (20,32 x 25,4 cm), armazenando assim, numa só polegada, o que necessitaria de 16 km de fita magnética".

Qualquer profecia ou previsão como esta, provoca imediatamente um estado de excitação entre certos colegas que, com receio de serem considerados "ultrapassados", se colocam na posição de "vanguardeiros", propondo logo modificações radicais. Devemos esclarecer que jamais deixamos de reconhecer honestidade em seus propósitos e atitudes.

Com a intenção de colaborar no sentido de que a classe não se deixe resvalar para posições que possam comprometê-la diante de um quadro conjuntural que determina gastos substanciais de verbas destinadas a erradicar o analfabetismo entre adultos, como por exemplo o movimento apoiado pelo MEC e reconhecido pela sigla MOBRAL, registramos essas impressões com o objetivo de, pelo menos, suscitar debates e discussões de alto nível. Lembramos ainda que o notável escritor e poeta Augusto Meyer, há pouco menos de vinte e cinco anos afirmava que "antes mesmo de pensar em formar bibliotecários, deveríamos cogitar de criar os leitores". Assim, as Escolas de Biblioteconomia, ao se compenetrarem que formando bibliotecários, competentes para as tarefas tradicionais e vitais ao seu perfeito funcionamento, estarão colaborando fortemente para o desenvolvimento do país. Como também, proporcionando aos

mais bem dotados, com as pré-condições necessárias, que venham a transformar-se em especialistas e mesmo cientistas da informação, em nível de *Pós-Graduação*.

Sendo uma profissão liberal, já tendo o seu mercado de trabalho se diversificado fora dos limites anteriores, vinculados apenas as bibliotecas oficiais, o valor do salário profissional passará a ter uma relação direta à capacidade e habilitação de cada um. Sua remuneração estará sempre ajustada à uma realidade determinada pelo mercado de trabalho. Na medida em que o país progredir, tanto o bibliotecário quanto o cientista da informação terão o seu processo de valorização reconhecido.

Concluimos, assim, que o ensino da Biblioteconomia no Brasil deve seguir o seu ritmo natural na preparação de bibliotecários, aptos a exercer as funções normais e comuns a qualquer tipo de biblioteca. As tarefas da documentação estão definitivamente incorporadas ao comportamento da biblioteca moderna. E as Escolas muito bem aparelhadas para atendê-las. Enquanto o Instituto Nacional do Livro promove os estudos e as campanhas para dotar os municípios brasileiros de, pelo menos, uma sala de leitura, o Instituto Brasileiro de bibliografia e Documentação estabelece as premissas para um melhor aproveitamento das bibliotecas pertencentes as áreas científica e tecnológica, ambos precisando de profissionais habilitados. Cada qual, com necessidades diferentes em relação aos sistemas, somente agora cogitados dentro de uma política global do Governo, como o Sistema de Bibliotecas Públicas, no Plano da Cultura, e o projeto internacional conhecido pela sigla UNISIST, patrocinado pela Unesco, do qual o Conselho Nacional de Pesquisas faz parte como representante do Brasil, uma vez que o IBBD atua como órgão de apoio do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT) daquele Conselho, com responsabilidades de formar, especificamente pessoal para o Sistema.

O Congresso de Belém, que se realizará no próximo mês de julho, saberá encontrar o ponto de equilíbrio entre as diferentes tendências. Sem abandonar os debates sempre úteis e saudáveis, sobre assuntos que tratam das bibliotecas especializadas (tema central do Congresso), os responsáveis pelo conclave não deverão esquecer os angustiantes problemas das bibliotecas públicas tão necessitadas de profissionais que, além dos conhecimentos técnicos, ainda podem e devem contribuir para melhorar as condições culturais das comunidades brasileiras.

Não deverá acontecer em Belém o que ocorreu em Belo Horizonte quando a influência absoluta de uma tendência determinou um temário unilateral para o VII Congresso, que não atende ao quadro das necessidades do país, conforme ficou demonstrado no I Encontro de Brasília. O Conselho Fe-

deral de Biblioteconomia que foi o seu coordenador possui, sobre o problema, os dados mais significativos que são os fornecidos pelos Conselhos Regionais, calcados na realidade brasileira.

Não se pode permitir que uma doença infantil como o sarampo, a catapora e a coqueluche, no caso específico da Biblioteconomia, a *Futurotegia*, se transforme numa epidemia.

Ainda é um consolo verificar-se que não é somente na nossa profissão que os profetas e futurólogos se manifestam. Em todas as outras atividades, notadamente no campo da Economia e da Política, para não falar na Ciência e na Tecnologia, desde Nostradamus que se tenta desvendar o futuro. Mas, para o nosso caso, não conhecemos terapêutica melhor do que a leitura de duas jóias antológicas do conto brasileiro — "O Plebiscito", de Arthur Azevedo (10) e "O Homem que sabia Javanez", do carioca Lima Barreto (11).

Para concluir, em apoio à tese central deste trabalho, quando afirmamos que a Ciência da Informação somente poderá ser ministrada em cursos de especialização, pós-graduação ou mestrado, ainda assim vinculados às necessidades de um mercado de trabalho em formação, recomendamos a leitura de documentos básicos, tais como os artigos de Jesse H. Shera (12), John Martyn (13), e finalmente de Alan M. Rees (14), de quem extraímos a seguinte citação: "Salvo em algumas escolas de biblioteconomia que aplicam programas de investigação ativa, os cursos sobre a Ciência da Informação visam, antes de tudo, transmitir noções de base aos alunos destinados a uma carreira de bibliotecário do tipo tradicional. Este é um objetivo muito louvável já que nem todos os graduados das Escolas de Biblioteconomia serão chamados a ser especialistas da CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Entretanto, não parece que essas escolas se tenham ocupado de formar pessoas capazes de abandonar as práticas e os métodos bem enraizados para adotar outros novos. A preocupação em satisfazer as necessidades atuais faz que não pensem em preparar o futuro".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 – REVISTA DA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 1972.
- 2 – CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Rio de Janeiro, IBBD. v. 1, n. 1, 1972.
- 3 – LEMOS, A. A. Briquet de. Estado atual do ensino da Biblioteconomia no Brasil e a questão da Ciência da Informação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 1(1)51-8, jan./jun. 1973.

- 4 – MC LUHAN, Marshall. *Os Meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1969.
- 5 – DIAS, Antônio Caetano. *Formação profissional* (análise da conjuntura). Rio de Janeiro, ABB, 1967. 16 p.
- 6 – ZAHER, C. K. & GOMES, H. E. Da Bibliografia à Ciência da Informação: um histórico e uma posição. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, 1(1):5-7, 1972.
- 7 – VIEIRA, Anna Soledade. A Automação no currículo de Biblioteconomia. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 1(1):12-31, 1972.
- 8 – MASON, Ellsworth. The Great gas bubble prick't; or Computers revealed by a gentleman of quality. *College & Research Libraries*, 32(3):183-96, May 1971.
- 9 – KAHN, Herman & WIENER, Anthony J. *O Ano 2.000; uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta anos*. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 508 p.
- 10 – AZEVEDO, Arthur. O Plebiscito. *Antologia brasileira*. 22. ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1942, p. 91-4.
- 11 – LIMA BARRETO, A. H. O Homem que sabia javanez. In----. *Três contos de Lima Barreto*. Rio de Janeiro, Cem Bibliófilos do Brasil, 1955. p. 7-33.
- 12 – SHERA, Jesse H. The Sociological relationships of Information Science. *Journal of the American Society for Information Science*, 22(2):76-80, 1971.
- 13 – MARTYN, John. Evaluation of specialized information centres. *The Information Scientist*, 4(3):123-35, 1970.
- 14 – REES, Alan M. La Influencia de la tecnología de las calculadoras en la formación bibliotecológica. *Boletín de la Unesco para las Bibliotecas*, 23(1)29-34, 1969.

SYNOPSIS

Policy for professional education of Brazilian librarians considering the tendency for inclusion of Information Science in the curricula of Library Schools. Considerations about Information Science as a subject of specialized and graduate courses, pointing out similar arguments in articles by Jesse Shera, John Martyn and Alan M. Rees, with special attention to the latter.

(Recebido para publicação em maio de 1973)